

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, OUTUBRO/99- ANO III - Nº 33

EDITORIAL

O homem é, “por natureza, um animal político, destinado a viver em sociedade” (Aristóteles). Cabe à educação iniciada na mais tenra idade a responsabilidade de preparar nossos jovens, inculcando-lhes valores que os capacitem a viver em plenitude a cidadania.

Nos últimos anos o mundo evoluiu rapidamente. Globalizado, trouxe repercussões sobre a realidade brasileira. Estas aceleradas transformações mudaram o contexto sociocultural e econômico-político brasileiro, levando a mudanças significativas na nossa sociedade.

As diferenças sociais e culturais tornaram-se ainda mais profundas, contribuindo para a exclusão de grande parte da população. Nas famílias, reflexos profundos são sentidos, frutos dessa modernidade que não contempla nossa população com seus benefícios. A vida tornou-se cara. O desemprego ronda todas as casas. Mais do que nunca é preciso sermos cidadãos e exercitarmos a participação. União e espírito público são necessários na busca de alternativas para sanar nossos problemas. Nossa sociedade deverá se empenhar em ações sócio-transformadoras. Estas ações iniciam-se através da educação. É preciso formar, desenvolver espírito crítico e lideranças para que as transformações sociais almejadas pela população ocorram. O momento é de reflexão e ação, buscando-se recuperar a dignidade do indivíduo e o exercício da cidadania.

A criança, prioridade absoluta, tem que ser protegida e seus direitos fundamentais garantidos. Esperança de um mundo melhor, nelas são depositadas nossas expectativas de futuro promissor.

É preciso, no entanto, que lhes seja proporcionada melhor formação. Para tanto, a escola precisa ser valorizada. A figura do professor, reverenciada; afinal, ele é o facilitador de todo processo de aprendizagem e a ponte entre o aluno e o mundo globalizado, e o grande agente de transformação da sociedade.

Lutar pela melhoria da qualidade do ensino e por escolas públicas adaptadas à modernidade é objetivo de todos. A educação no país precisa de maior incentivo. Os pais precisam participar diretamente do dia-a-dia da escola, auxiliando o professor. Sem eles seria impossível o Brasil andar para frente.

Nesse outubro, nossas esperanças nas crianças e homenagens ao professor.



Profª Celina Guimarães e alunos do antigo Grupo Escolar de Piquete. Foto da década de 30.

No dia do Professor

Houve um tempo em que o Dia do Professor era de comemorações: cantos, danças, declamações, teatro, flores e muitas homenagens. Hoje, os professores se contentam com o ponto facultativo.

Os professores perderam aquele “status” na mesma proporção em que a Educação caiu no descaso da sociedade.

Teoricamente não há quem não admita a importância da educação escolar na formação integral do indivíduo, todavia a contemporaneidade estabeleceu novos critérios que priorizam a “luta pela sobrevivência” e/ou as conveniências das relações sociais.

Na sala de aulas, por maiores que sejam os esforços do professor, a maioria dos alunos se mostra desatenta às suas explicações e desinteressada dos proveitos que provirão de sua aprendizagem.

A família tem uma grande responsabilidade por isso, uma vez que perdeu o controle sobre os afazeres do dia-a-dia da criança e do adolescente, entendendo que é compromisso exclusivo da escola direcionar seus filhos para a vida. Grande parte dos pais se restringe a providenciar o material escolar e ficar na expectativa do final do ano para saber se seus filhos foram aprovados ou retidos. Pouquíssimos pais atendem às convocações da escola para as reuniões e não se preocupam em acompanhar diariamente as atribuições escolares dos filhos.

Os professores, por sua vez, já não são tão comprometidos com os princípios do educador. A par das deficiências de sua formação universitária, muitos professores vêm sua atividade como uma fonte salarial, atuando como instrumento infor-

mativo, sem nem mesmo ser rigoroso com a aprendizagem de seus educandos. Infelizmente, o colegiado de professores não se detém para avaliar teorias educacionais e replanejar procedimentos didático-pedagógicos frente às exigências de sua clientela, deixando-se conduzir por orientações sindicais que, em muitos dos casos, atendem apenas a interesses corporativistas.

Da parte dos governantes, quando não destinam o necessário investimento para a área educacional por não dimensionarem sua significância, transformam o sistema num complexo burocratismo para atender parâmetros neo-liberais de administração pública.

Por fim, como a escola é reflexo do contexto social, o aluno é produto do seu meio. A maior parte do alunado frequenta a escola por mera exigência dos pais em razão de uma conveniência social e em virtude disso são simples assistentes de aulas normalmente expositivas, sem a preocupação de assimilação de conteúdos, de fazer as tarefas (quando elas são passadas) e de estudar para as provas. Nessa escola, reflexo da realidade social, alguns bons alunos são obrigados a conviver com indivíduos que, desestimulados para o estudo, direcionam sua energia para conturbação do ambiente, depredação do patrimônio público e até insegurança do ambiente escolar.

Neste 15 de outubro, Dia do Professor, a sociedade deveria sobretudo refletir sobre a situação educacional, assumindo os compromissos que lhe são afetos como um dos principais pressupostos da cidadania. **Leonel. J. Gomes de Souza**

Imagem - Memória



Foto arquivo Pro-Memória

Congregação Mariana de Piquete. Sentados, da esquerda para direita: Sr. João Vieira Soares, Pe. Septímio Ramos Arantes e Pe. João Guimarães

A Congregação Mariana

Nossa paróquia foi criada em 1888, mas devido à falta de sacerdotes na Diocese de Taubaté, passou quarenta e seis anos sob a administração de padres de paróquias vizinhas (Lorena e Embaú), os quais vinham a Piquete, periodicamente, para atender os fiéis católicos.

Apesar da ausência de um pároco efetivo, a fé religiosa do nosso povo foi mantida razoavelmente, de maneira que, em 1934, quando Piquete teve seu pároco residente na pessoa do sempre lembrado Pe. João Marcondes Guimarães, este encontrou uma comunidade mais ou menos ativa espiritualmente, devido à ação apostólica de vários pregadores missionários que aqui passavam alguns dias: Pe. Ascânio Brandão, Pe. Vítor Coelho, Frei Niceto e, sobretudo, alguns padres salesianos da Ordem de D. Bosco, que nos transmitiram a devoção a Nossa Senhora Auxiliadora, sendo esta, aliás, a invocação preferida de São João Bosco (quem lê a biografia deste santo vê como ele foi agraciado para a realização de suas inúmeras obras hoje espalhadas pelo mundo inteiro). Tudo pela graça de Nossa Senhora Auxiliadora.

E a devoção à Mãe de Jesus, sob o título de “Auxiliadora”, continua viva no coração dos piquetenses até os nossos dias, graças às Filhas de Maria Auxiliadora (também Irmãs Salesianas) que, durante muitos anos, dirigiram o nosso Hospital-Maternidade.

E foi com este título glorioso que, a vinte e quatro de maio de mil novecentos e trinta e quatro, o Pe. João fundou a Congregação Mariana “Nossa Senhora Auxiliadora” e “São Luiz de Gonzaga” (este título secundário como homenagem ao santo patrono da juventude). A Congregação Mariana é um sodalício destinado a homens de todas as idades, mas especialmente a adolescentes e jovens.

Com o objetivo de manter a fé em Deus e a perseverança dos seus membros, a Congregação realiza uma reunião semanal para a recitação do Ofício de Nossa Senhora e, naturalmente, considera em primeiro lugar a freqüência à missa dominical com a recepção do Sacramento da Eucaristia. De tempos em tempos, promove Retiros espirituais, Encontros e Concentrações. Estes são atos de piedade pessoal dos congregados. A introdução do seu Hino Oficial diz bem do papel das Congregações Marianas entre os Movimentos da Igreja:

“Do Prata ao Amazonas,
do Mar às Cordilheiras,
Cerremos as fileiras, soldados do Senhor!”

.....

Em épocas passadas, juntamente com a Pia União das Filhas de Maria, a Congregação Mariana muito concorreu para as grandes homenagens públicas prestadas à Mãe de Deus, sobretudo no mês de maio, quando a imagem da Virgem Maria, acompanhada por uma grande multidão de devotos, visitava trinta e uma famílias da comunidade, em cujas residências permanecia durante vinte e quatro horas. E também participava ativamente nas campanhas das “páscoas coletivas” quando, em datas alternadas, concentrava-se grande multidão de fiéis das diversas camadas sociais (operários, estudantes, militares, senhoras) para o cumprimento pascal da confissão e comunhão anuais.

E foi, igualmente, um grupo de congregados jovens que, em 1941, fundou o Coral “Santa Cecília”, o qual, passados mais de cinquenta anos, continua, orgulhosamente, animando as principais celebrações litúrgicas da comunidade paroquial (Semana Santa, festa do padroeiro, Natal e comemorações de bodas e jubileus).

A partir da década de sessenta, princi-

palmente após a realização do Concílio Vaticano II que possibilitou uma acentuada participação de leigos cristãos nas celebrações eucarísticas e exigiu, igualmente, o seu maior engajamento nas atividades sociais da Igreja, os fiéis têm procurado os Movimentos mais dinâmicos atuais, como CEBs (Comunidades Eclesiásticas de Base), a P.L.C. (Peregrinação de Leigos Cristãos), as PASTORAIS (da juventude, da catequese, da saúde, da família etc.) e a RCC (Renovação Carismática Católica). E também a Legião de Maria com o mesmo objetivo da Congregação Mariana, arregimentando membros de ambos os sexos e incluindo nas suas Regras, além dos atos pessoais de piedade e de louvor a Maria, as visitas domiciliares para levar a palavra de Deus às famílias carentes de espiritualidade, e visitas a hospitais e asilos para confortar os que ali se encontram internados.

João V. Soares

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 97

Diretor Geral:
José Palmyro Masiero

Jornalista Responsável:
Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:
Francisco Máximo Ferreira Neto

Redação:
Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (012) 556-1192 / 556-1207

Correspondência:
Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino G. Dias Júnior

Tiragem: 1.000 exemplares

A redação não se responsabiliza pelos artigos assinados

GENTE DA CIDADE

Sabará

José Valério - o Sabará -, mineiro de Caratinga, nasceu a 6 de janeiro de 1943. Filho de Emílio Valério e Maria Faustina de Jesus, é o segundo de seis filhos.

Piquete "fabricou" alguns craques de futebol. E "importou" vários também.

Um deles foi o Sabará.

"Importado" de Volta Redonda, ele já havia passado por Governador Valadares e Vitória, antes de aportar por aqui.

Chegou a Piquete - ao Esporte Clube Estrela - em 1968, para atuar como meia-direita. Assim como quase todos os atletas que para cá vieram, foi trabalhar na Fábrica Presidente Vargas.

Uma lesão na perna, porém, o tiraria dos treinos, em 1969. No entanto, continuou no futebol, sua paixão desde criança. "Comecei lá pelos 7 anos", diz. Passou, então, a auxiliar o técnico, Sr. Adeodato. Com o tempo foi, naturalmente, assumindo-lhe a posição.

Paralelamente ao trabalho na FPV, onde se aposentou, manteve o futebol em sua vida. Com adultos, crianças, profissionais, amadores, não importava. O importante era continuar no meio que adorava, era manter-se vivo, atuante.

Passou por períodos amargos. Enfrentou várias dificuldades. Mas enfrentou todas. O apoio na sua fé em Deus foi essencial.

Em 30 de setembro de 1972 casou-se com Maria Arlinda de Souza Valério, com quem teve um casal de filhos.

Sua companheira já há 27 anos hoje o apóia, junto com os filhos, na importante obra que desenvolve em Piquete: a "Escolinha Pirralhos" de futebol, criada em julho de 1998. Numa cidade sem muitas opções para os jovens, ele, a esposa, os filhos e um irmão trabalham com aproximadamente 95 crianças



e adolescentes de 6 a 18 anos.

Ouvem-se, por toda a cidade, elogios da população e agradecimentos dos alunos.

Além de ensinar-lhes o esporte, o Sabará lhes dá uma lição de vida: cobralhes resultados escolares, a religiosidade e, conseqüentemente, a disciplina.

Os resultados são louváveis: retira crianças e jovens das ruas, das drogas. Reintegra-os aos lares. Devolve-lhes o amor próprio, os valores de família, Deus e amizade, antes perdidos.

Tudo isso vem de um homem humilde, quase sem estudos, mas inteligente e consciente da importância e necessidade de garantirmos o futuro de nossos jovens.

O trabalho do Sabará reforça o sentido da cidadania e aumenta as chances de uma Piquete melhor.

A paz começa em casa

"Felizes os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus" Mt. 5,9.

A Pastoral da Criança aceitou o desafio lançado pela ONU - Organização das Nações Unidas - e pela Secretaria Nacional dos Direitos Humanos, do Ministério da Justiça, para realizar uma campanha nacional de prevenção à violência no ambiente familiar. Nada mais natural que investirmos na família como o grande espaço protetor e promotor da criança.

Foi exatamente por isso que a Pastoral da Criança de nossa cidade, com o apoio entusiástico de diretores e professores de nossas escolas, como também de nosso pároco e pastores, realizou no dia 4 de outubro uma grande passeata pelo centro da cidade e nos bairros do Bambuzinho, Santa Isabel e Vila Vicentina.

Os alunos, acompanhados por seus professores, carregavam cartazes e faixas com dizeres alusivos à "Paz começa em casa" e gritavam em coro frases pedindo a paz nos lares.

A Polícia Militar ia à frente conduzindo a passeata, junto ao carro de som que chamava a atenção dos transeuntes, com músicas e frases referentes ao motivo da passeata, enquanto os líderes da Pastoral da Criança distribuíam panfletos dos "10 mandamentos para a paz na família".

A Pastoral da Criança, diretores, professores e Igrejas de nossa cidade levarão avante essa Campanha pela Paz, através de debates, palestras e encontros, orientando os pais sobre a difícil e sublime missão de educar para a paz. Somente assim, num futuro bem próximo colheremos os frutos desse relevante trabalho.

Neide B. S. da Luz, coordenadora da Pastoral da Criança de Piquete.

TRE faz levantamento de eleitores com deficiência visual

O Tribunal Regional Eleitoral / SP solicita a todos os eleitores portadores de deficiência visual que compareçam aos seus Cartórios Eleitorais, identificando-se com o tal.

Diante da possibilidade de a urna eletrônica, em 2000, passar a contar com o "audível" (sistema de som com fones de ouvido), o objetivo do TRE é realizar um levantamento do número e localização desses eleitores, a fim de possibilitar uma eficiente distribuição das urnas com o recurso especial.

Os eleitores deverão comparecer de 01-10 a 31-12-99 e, para maiores informações, contatar a Central de Informações do Tribunal Regional Eleitoral, pelo telefone 3277-1033, de 2ª a 6ª feira, das 8 às 19 horas.

Dra. Katia Margarido Barroso
Juíza da 337ª Zona Eleitoral Piquete/ SP

Sabará e alunos de sua escolinha de futebol, no campo do Estrela.



Foto arquivo Pro-Memória

Memorial dos Moradores de Piquete - 3

Célia

*“...o mundo é fechado,
se não for antes vazio.
O mundo é talvez: e é só.
Talvez nem seja talvez”*

Fragmento de “**Cantiga de Enganar**” -
C. Drummond de Andrade in “Claro Enigma”.

No instante, tornado eterno, tecido de memória, o passado se enlaça ao futuro e denuncia a mistura das ações presentificadas como permanências.

Célia partiu, e está presente, porque faz parte da memória e sinaliza o futuro, que dela herdou os sentidos no âmago das coisas revividas.

Não é sem motivos que nos legou uma fundação, a Fundação Christiano Rosa, a qual dotou com seu labor e ideais, construtora das ações efetivas que precisam ser marcadas pelo fogo revivificador.

E ela deixou-se queimar e marcar e, transpondo o limiar perceptível, mantém-se como imagem no simbólico das significações.

Não é fácil falar de pessoas que conseguem impor-se aos limites do tempo e espaço, como incorpóreos, quase tangíveis.

A arquitetura permitiu-lhe conhecer que cidades têm almas. A alma de uma cidade é a sua memória traduzida nas fotos, monumentos, documentação e atestados de toda ordem. São seus edifícios, casas, ruas e praças nos desenhos de sua construção e implantação. O olhar sobre a cidade permite descobrir, como num palimpsesto, as idéias transformadas em matérias sobrepostas em imagens recorrentes, nas quais todas as outras se encontram e entrelaçam influências.

É por isso que Célia prestou-nos essa homenagem em nome de seu pai, legando-nos o projeto e a instalação dessa Fundação que caminha nas trilhas da memória urbana, nas características de um lugar formado de tempo, espaço e elaborações de pessoas

somadas com destino próprio. Não é à toa que Célia se preocupava com o substrato territorial, sua posição, dimensões, elementos de composição e de dinâmica.

Animava-lhe procurar os caminhos antigos e seus traçados e a poeira sedimentada que lhes encobria os desvios. Incansavelmente, pesquisava os testemunhos registrados: queria-os no ceme e nas razões de ser. Consultava alfarrábios, à procura, como se o tempo, a se esgotar em clepsidra de cristal, desperdiçasse grãos de areia em ventos nem sempre favoráveis. Rodeava-se de buscas de certezas e belezas, na residência confortável. Queria retratos, documentos, arquivos, fichas, registros, todas as frases, todas as palavras, todas as dúvidas, versos de bom poetas e álbuns. Atenciosa e solícita, registrava os pressurosos e os angustiados, benevolente sempre. Aos amigos, o estímulo nunca faltava. Sabia avaliar.

A estética a lhe nortear os passos e a irradiar sugestões

Após percorrer seu caminho sensibilizado nos propósitos, Célia deixou muitas mensagens: como professora e diretora na rede pública escolar, como arquiteta e professora universitária de Estética e projetos, como avaliadora de bens históricos a conservar em memória patrimonial pública, como assessora técnica na administração municipal piquetense e, finalmente, como estimuladora eficiente na conjugação das forças para um patrimônio histórico e cultural de Piquete.

Entendendo corretamente as palavras cristãs do coração com várias moradas e sabendo bem da espacialidade exposta pelo mundo, colocou em suas viagens e residências o sinal de que, embora nada novo exista sob o sol, é possível ter sabedoria e dela usar para repartir os bens.

Entendeu a mensagem de Mateus dirigindo o tesouro do talento para o coração, lugar de onde emanam as coisas imperecíveis,

ou assim tomadas pela memória sempre viva. Ou ainda, das coisas findas que nunca se acabam se sabemos guardá-las, porque são muito mais que lindas.

Não é preciso marcar os eventos pelo tempo, pois nos avisa nosso poeta Drummond de Andrade que “o mundo é talvez: e é só” e o tempo não existe.

No pensamento estoico, ao ser humano está sempre aberta a escolha da ação moral como liberdade, para a construção de seu tempo, o tempo da história como quase existência. E para Henri Bergson, em “A alma e o corpo”, a pergunta finalmente formulada: O que é o eu?

Diz: “O que é o eu?” Algo me parece, com ou sem razão, ultrapassar todas as panes do corpo a que está ligado, ultrapassar tanto no espaço quanto no tempo. Primeiramente no espaço, pois nosso corpo se detém precisamente nos contornos que o limitam, enquanto pela nossa faculdade de perceber e mais particularmente, de ver, alcançamos o que está bem distante de nosso corpo: vamos até as estrelas.

Em seguida, no tempo, pois o corpo é matéria, e a matéria está no presente e, se é verdade que o passado aí deixa seus traços, são traços de passado apenas para uma consciência que os percebe e interpreta, o que percebe à luz do que ela recorda; a consciência, ela sim, retém o passado, enrola-o sobre si própria na medida em que o tempo passa e prepara com ele um futuro que ela contribuirá para criar”. O espírito humano é a própria consciência. Ora, consciência significa, antes de tudo, memória.

Para Bergson os humanos são levados incessantemente a se apoiar na totalidade do passado, para avaliar tanto mais penetrantemente o seu futuro. Este é o grande êxito da vida. Criador por excelência é aquele cuja ação, ela própria intensa, é capaz de intensificar também a ação de outros, e, generosamente, iluminar núcleos de generosidade. Célia entendeu bem o significado dessas palavras. Quem se harmoniza com a temporalidade no sentido de duração, isto é, do presente, entende que além do tempo humano, o dos deuses é permanente e representado pelo instante que é, como queria Vinícius, nosso outro poeta, “posto como chama, eterno enquanto dura”. Assim, a “Aiôn”, a eternidade dos deuses, sendo duração, guarda a idéia da ampla visão na totalidade dos movimentos contínuos e simultâneos de todas as coisas, que, pelos humanos, são como fios estendidos em rede causal, de causa e efeito, cronometria entretanto dispensável para a visão divina.

Tornar símbolos realidade foi a grande obra de Célia. Perenizá-los é sua missão, agora integrada como luz, na luz que representa.

“O meu dia foi bom. Pode a noite descer.”

“Consoada” – Manuel Bandeira

Dóli de Castro Ferreira

Sede da Fundação Christiano Rosa e Espaço Cultural “Célia Ap. Rosa.”



Foto arquivo Pro-Memória

ESPAÇO INTEIRO-AMBIENTE

Belo Outubro

Luiz Flávio Rodrigues

O nosso pensamento de que a questão da preservação ambiental é coisa recente é falha. Já no início da colonização de nosso país isso veio à tona. Não era preciso muito esforço para imaginar-se, à época, o destino de nossas matas, rios e fauna. Em 1697, portanto, mesmo antes dos 200 anos de colonização, Frei Vicente de Salvador deixou-nos em suas memórias a seguinte constatação: “E isso não têm só os que de lá vieram, mas ainda os que cá nasceram, que uns e outros usam da terra não como senhores, mas como usufrutuários, só para a desfrutarem e a deixarem destruída.” Cabe-nos refletir um pouco sobre essas palavras. Apesar de passados 302 anos, a maioria dos senhores de terra ainda assim agem, se não pelo desrespeito firmado, pela necessidade de sobrevivência. As palavras tomam-se ainda um alerta, vivo e presente, pois costumamos culpar aos estrangeiros gananciosos pelo desrespeito à natureza, mas “não só os que de lá vieram, mas ainda os que cá nasceram.”

Mais recente, em 1799, 200 anos atrás, José Vieira Couto profetiza: “O agricultor olha ao redor de si para duas ou mais léguas de matas, como para um nada, e ainda não as tem bem reduzido a cinzas já estende ao longe a vista para levar a destruição a outras partes. Não conserva apego nem amor ao território que cultiva, pois conhece mui bem que ele talvez não chegará a seus filhos.” Triste verdade, não chegou mesmo. Temos aqui meros 3% da Mata Atlântica original, nossos filhos podem não ter nada. É hora de dar um basta, não apenas nesses artigos em “Estafetas” da vida. Esses são como fogos no dia 12 de outubro. Explodem aqui e ali, ficam as fumaças e orações por um tempo, depois perdem-se na maldade impiedosa das horas. É a ação que vale, concreta, organizada e participativa. Louvável a atitude do governo municipal nesse dia da criança, de incentivar a coleta seletiva, mostrar a necessidade dessa coleta, louvável a boa vontade dos organizadores e a participação popular, surpresa para a própria organização. Mas há que se dizer a verdade – É pouco – palavra de nosso próprio prefeito, no seu discurso de abertura

do evento. Verdadeiramente deve-se implantar de forma contínua esse, podemos dizer, direito da população. Quem sabe trocando o lixo por sacos plásticos coloridos para a coleta, obtidos das rendas da própria coleta. É preciso ainda, mais que criar leis ambientais, fazê-las cumprir. Elas existem. Nossos mananciais estão protegidos por lei. Nossas matas ciliares também. basta uma lida na lei orgânica do município. Nesse ano vimos queimadas irregulares por toda a parte, umas desencadeadas pelo próprio proprietário. Que fazer? Não só exigirmos que as leis sejam cumpridas, mas sermos agentes para o cumprimento das mesmas. Já em 1809, Manoel Arruda da Câmara escreve: “Daqui se vê a necessidade de se proibir as derrubadas de matas virgens, nas que são abundosas de almécegas, como também a de vedar-se o soltarem fogos, o que se não poderá conseguir sem fulminar alguma combinação de penas contra os agressores.”

Neste mês de outubro comemoramos também São Francisco. Santo dos animais e da natureza. Lê-se em sua história que quando um lobo assustava Assis, ele tratou de conversar com esse “irmão lobo”. Falava com os “irmãos pássaros”, “irmãs árvores”, etc. Por falta de matas, excesso de queimadas e do nosso desprezo, um de nossos “irmãos lobos-guarás” esteve a procurar alimento próximo ao Elefante Branco. Comemoramos ainda em outubro o dia dos professores. Cabe a eles, como educadores, incutir o amor a esses nossos irmãos da natureza. Meio ambiente é matéria multidisciplinar, envolve antes ciências naturais. Mas é completada pela matemática, português, inglês, educação artística e tantas outras disciplinas. Na lembrança de nossos educadores devem estar algumas questões: a qualidade do fragmento de mata atlântica em Piquete, fato já alardeado por esse periódico, a importância de nossas águas como mananciais da microbacia do Paraíba do Sul, a qualidade de nosso ar e frescor de nosso clima. Mas abordar o assunto de diversas frentes é matéria para outra edição. Fiquem atentos.

Vista do trecho de Mata Atlântica, na APA da Mantiqueira, em Piquete



Bênçãos

*Eu vi o menino
pernas garrinchas
preguiçosas
no berço de rodas
dormentes pernas inascidas*

Me lembrou o Tatá, dos tempos de colégio: hora do recreio, bola-de-meia, futebol e o Tatá de muletas, driblando torto, errado – fintando, marcando impossíveis gols.

Eu vi o menino garrincha...

Tatá: baixinho, aleijado, louro-sarará, espontaneamente bonito! Nós todos, molecões fortes, sadios, de retas pernas, seguíamos o Tatá. Não por seus gols, que também os marcávamos,; tampouco pelos dribles desajeitados, que podíamos melhores.

... no preguiçoso berço de rodas...

Seguíamos o Tatá, sem pena. Porque ele era o melhor.

... as dormentes pernas inascidas.

O melhor, que quantos de perfeito corpo não tinham a coragem de tentar a alegria do Tatá.

Eu vi a vida sorrindo um menino.

Nós seguíamos o Tatá porque o coma de suas pernas não conseguira aleijar sua alma.

*Eu vi um menino
Sorrindo
A vida emocionada.*

Sérgio Luiz Maduro

“Mostra de Artes Plásticas”

**Espaço Cultural
“Célia Ap. Rosa”**

31-10-99 a 07-11-99

**9h às 12h e das
14h30min às 19h**

COLUNA DO CHICO MÁXIMO

Um professor muito especial

As letras de forma provocavam admiração, de tão bem feitas. E como as desenhava com rapidez! Dava gosto vê-las escorrendo da brancura do giz para os vocábulos que se derramavam pelo quadro-negro.

Dicção perfeita. Domínio do conhecimento. Os gestos comedidos nos acalmavam e nos faziam bem. Gostosa a escola quando ele adentrava a sala de aula – tudo se amaciava na alegria. E éramos quase todos adolescentes, alunos da 1ª turma da Escola normal Livre “Duque de Caxias”, de Piquete.

Prazeroso vê-lo diante da classe, na mão apenas o giz, nada de fichas ou lembretes. Sempre de terno e gravata, cores discretas, o branco impecável da camisa, abotoaduras da cor do terno, o relógio de bolso, com corrente, o rosto bem escanhado. Dava impressão de que ia para uma festa. Sentíamos que ele amava a escola. Sua missão era ensinar.

Veio para Piquete, ainda bem jovem, por ocasião da 2ª Guerra Mundial, convocado, com outros reservistas, para o serviço militar junto ao Contingente da Fábrica Presidente Vargas. Acabou fixando residência entre nós. E a diretoria da Fábrica o designou para lecionar nas suas escolas. Ministrou aulas de História, Geografia, Língua Portuguesa e Sociologia. Sua invejável formação humanística permitia-lhe excursionar pelos variados campos do conhecimento. Parecia uma enciclopédia.

A memória registrou de modo especial as aulas de História Social do Brasil, de tão saborosas que eram. Ele ressuscitava diante de nossa curiosidade o Brasil de antigamente.

Visualizávamos as fazendas coloniais do Nordeste – a senzala, a capela e a casa-grande do senhor patriarcal. Um mundo com sabor de cana-de-açúcar escorria do passado: engenhos, cabriolés, vestidos longos e drapeados, a mãe preta, gineceus, amores proibidos...

Visualizávamos também as fazendas do Vale do Paraíba e seus barões do café: o luxo dos cristais e porcelanas – tudo vindo da Europa, requintes de bom gosto francês e da elegância britânica, o cafezal pelas encostas, a autoridade indiscutível do fazendeiro, o trabalho suarento dos negros e as histórias das pretas velhas, intercaladas de muxoxos, a adoçar a severidade dos costumes... Destaque para a Fazenda da Estrela, aqui em Piquete, do Comendador Custódio Vieira da Silva, coroada de palmeiras, uma banda de música formada de escravos. Ainda resiste ao tempo uma centenária figueira, com argolas de ferro incrustadas no tronco, onde, diziam os antigos, prendiam-se os negros insubordinados para o devido corretivo.

Com que prazer ele revivia a epopéia bandeirante! – os paulistas agulhoados pela ambição, os caminhos rasgados a facão nas brenhas do sertão, as botas pisando medos e covardias, as roças de milho pendoando, os povoados brotando nas lonjuras...

Conduzia-nos pelas ruelas da antiga Vila de São Paulo parcialmente iluminada por velas e tigelinhas de azeite. Invadíamos sem cerimônia o recesso dos lares: oratórios apinhados de santos, mesas toscas, baixelas de prata, baús recheados de alfaías, o adultério vingado com ódio e sanha, a tessitura da vida com fios de estoicismo e valentia...

Ele nos ensinava História do Brasil, com alegria e amor.

Despertou-nos o hábito da leitura e nos abriu as portas para o universo das palavras.

Dele ficou a lembrança de um homem paciente, cordato, bem-humorado, justo, equilibrado, cheio de Sabedoria.

Foi exemplo de mestre: um entusiasta – Professor Zito, José Geraldo Evangelista.

O importante é que nós o amávamos e ele nos amava.

Professor José Geraldo Evangelista e alunos da Escola Agrícola de Piquete. Foto de 1948.



Crônicas Pitorescas

Três a Um

Palmyro Masiero

Na recepção oferecida pela edilidade piquetense ao Marechal Mallet quando de sua viagem a São Francisco dos Campos, a convite do Barão da Bocaina, no dia 11 de janeiro de 1902, aconteceram três fatos interessantes. Por indicação do Intendente José Innocêncio Alvim Bittencourt, recém eleito, o salão nobre do Hotel Santa Cruz, de propriedade do Tenente José Mariano, foi todo ornamentado pelo Capitão Saturnino Costa e Francisco de Paula Ribeiro. A Câmara já havia aprovado uma lei colocando à disposição do Intendente a quantia necessária para a recepção às grandes personalidades que ali estariam acompanhando o Ministro da Guerra.

FATO 1 - José Mariano, “cacique” da política piquetense, “mandou” que o Intendente convidasse oficialmente o Deputado Arnolfo de Azevedo, seu inimigo político ferrenho, para participar das homenagens. O deputado lorenense, ao receber o convite, ainda em Lorena, deu a entender ao Ministro quando de sua chegada, que o Ten. José Mariano e ele não passavam pela mesma ponte juntos. Entretanto, anuindo ao convite, veio com a comitiva. O salão da recepção, todo decorado, apresentava enormes escudos de saudações aos visitantes. Num deles lia-se: “Salve o Dr. Arnolpho de Azevedo”. O Marechal Mallet virando-se para o grande político, perguntou:

- É esse seu inimigo?

FATO 2 - Durante as conversas de praxe e mesmo durante seu discurso, todas as vezes que o marechal Mallet dirigia-se à pessoa altiva e austera do Ten. José Mariano chamava-o de “coronel Mariano”. Assim, era coronel pra cá, coronel pra lá... Tais palavras ditas pela mais alta autoridade militar do país foram traduzidas pelos presentes como uma promoção oficial. Com isso, de tenente a coronel bastou apenas uma bela recepção.

FATO 3 - Após deixarem o salão para recomeçarem a viagem, parados à frente do hotel, Mallet reparou no nome do mesmo escrito na parede. Vendo as belas palmeiras à frente do prédio, perguntou ao “coronel” Mariano por que não trocava o nome “Hotel Santa Cruz” para “Hotel das Palmeiras”, mais bonito e mais significativo. Gostando da idéia ou dando uma bajulada no militar, o nome foi mudado.

Evidentemente que o conhecimento dessas “fofocas” não irá mudar a vida nossa de cada dia, mas em compensação – aí vem o troco –, foi essa vinda de Mallet a São Francisco que trouxe para a cidade a estrada de ferro e, pouco depois, a fábrica de pólvora, da qual, direta ou indiretamente, passou a fazer parte a vida de todo piquetense.



Genny Abdelmalack, Diretora Técnica, Toninho Macedo, Diretor Artístico, Laurentino Júnior, representante da FCR e Marcos Mendonça, Secretário de Estado da Cultura.

A FCR no “Revelando SãoPaulo”

A Fundação Christiano Rosa participou do evento “Revelando São Paulo – Festival de Cultura Paulista Tradicional”, na capital do Estado, sediado no parque da Água Branca, entre os dias 15 e 19 de setembro de 1999.

Estivemos, os piquetenses, representados nessa festa de cidadania por meio de nossas tradições tropeiras. Uma nossa tropa foi apresentada em grande estilo, sob a liderança de Ademir Laureano de Souza, Júlio César de Souza e Zé Pretinho. Também lá estavam, com brilho total e serviço perfeito, os carros-de-bois guiados pelo incansável sr. Sinésio Ferreira. As crianças das escolas visitantes e do público presente desfilaram com grande alegria, transportadas pelos pacientes e valorosos Mimoso, Marinheiro, Marcante – Marcante, Recreio, Paraíso e outros tantos que, nas cargas, e equilibrados no eixo central, eram habilmente guiados pelo carreiroiro.

O peso aumentava e as rodas rangiam. A guiada do carreiro equilibrava os movimentos. Nos rostos felizes, a experiência única para crianças de asfalto, concreto, apartamento e vida agitada, e que agora não só podiam observar de perto, mas experimentar um passeio bucólico em carro-de-bois. Tudo isso sob as vistas esplendorosas das árvores do belo parque e seus pássaros, e dos elevados edifícios do entorno da

maior urbe sul-americana, uma das megacidades mundiais.

Piquete, por sua vez, era citado todo o momento. Contribuía para o brilho da festa e a felicidade dos visitantes. Quando o seu nome era citado, surgia a curiosidade do lugar. Onde a cidade? perguntavam. Um prazer enorme dizer, esclarecer, explicar, detalhar. Nosso estande exibiu fotos do mais recente desfile de tropas em nossa 18ª Festa do Tropeiro, e mais as cangalhas, os cargueiros, as bruacas, a trempe para a cozinha e os apetrechos de viagem e trabalho.

Montado no garboso burro Feitiço, lá ia o Ademir, comandando, na arena, o desfile do Serrano, do Sucesso, da Colina, do Brilhante e do Paraguai. Todos enfileirados, mostrando sua atividade, reluzentes nos metais dos adereços, no tilintar do cinerrio do animal-guia; e nos laços vermelhos dos cargueiros, as baetas enfunadas aos sopros das brisas e ventos leves. Nossas mulas e burros eram exemplos de disciplina, tino e efetiva participação, ordenadamente caminhando e sendo observados com júbilo.

Deste evento de 1999 participaram 99 cidades, com seu folclore, tradições, cultura, artesanato, cozinha e jeito de ser, se expressar e cultivar a vida. Os desfiles dos grupos, através das danças, músicas e arranjos, foram um exemplo da dinâmica

construtiva da cidadania. Todas as manifestações culturais aí estiveram representadas: os folguedos, as danças de São Gonçalo e das quadrilhas, as catiras, as marujadas, os caiapós, as congadas, os jongos, os moçambiques, as romarias, as cavalhadas, nas lutas entre cristãos e mouros, as folias de Reis e do Divino, os blocos do carnaval tradicional, as modinhas, os sambas de roda. Tudo era apresentado em todos os seus ritmos, cores, coreografias, naturalidades e representações dos símbolos de raízes, de tradições orais, de integração à natureza. E mais os bonecos gigantes e os violeiros. Toda a cultura paulista ou aclimatada pelos paulistas lá estava. Os cultos religiosos marcaram presença nas homenagens a São Benedito, Santo Antônio, N.S. da Aparecida e ao Divino Espírito Santo.

O desfile das romarias a cavalo e de charretes foi bem a chave de ouro do evento, ao lado dos tropeiros e carreiros com seus carros-de-bois.

Toninho Macedo, como animador cultural, tem realmente conseguido resgatar e estimular os movimentos culturais tradicionais e mantê-los vivos. A coroação do rei congo e da rainha conga em suas magnificências revestiram o cerimonial de autêntica celebração.

No mundo cada vez mais globalizado, o local se destaca e se auto-afirma. É do que precisamos para valorizar as origens e a identidade.

O fator identitário, nas marcas profundas, garante aos seres humanos o lugar que de fato lhes cabe: o papel de construtores da alma de um povo. Ali estavam as cidades do setor paulista do Vale do Paraíba – Cone Leste do Estado – e entre elas Piquete, que começa a retomar suas raízes.

Que nós, em Piquete, saibamos preservar e valorizar nossa cultura local como fonte básica nacional, e nos entusiasmemos por demonstrá-la em oportunidades como essa que se nos apresentou pelo “Revelando São Paulo”.

O próprio nome é significativo do valor e concede, por sua chancela, o direito inalienável de ser cidadão participante. Mostramos nossa cultura valiosa. É uma oportunidade imperdível para os anos subsequentes. O desfile apoteótico final foi um exemplo do cultivo das tradições em sua pureza não contaminada nem pela mídia, nem pela propaganda política. Foi aí que residiu sua maior força.

Júlio César e sua tropa de mulas

Sr. Ademir com a bandeira de Piquete, no desfile do dia 19-09-99.

Sr. Sinésio Ferreira e seu carro-de-boi



REDESCUBRA SUA CIDADE



Trecho da Rua Comendador Custódio Vieira

Rua Comendador Custódio Vieira

A Rua Comendador Custódio Vieira foi a quarta rua nomeada em Piquete pela Indicação de 1892, que diz o seguinte: “A rua que segue de Theodoro Freire aos limites da Villa, sera denominada – Rua do Comendador Custódio Vieira”. Para conhecimento dos limites da Vila, basta lermos o Art. 115 da Lei nº 3, de 16 de janeiro de 1893: “Fica considerado perímetro da Vila da porteira do poço Fundo, pela rua principal, até a pedra, na porteira que divide a fazenda Santa Eulália; d’alli voltando, abrangerá as ruas, praças e avenidas que estão paralelas a mesma rua”. Por lei de 1934, teve seu nome mudado para Cel. Luiz Relvas e ela passou a nomear o trecho que partia da Cel. Luiz Relvas até o portão da Fábrica de Piquete. Atualmente estende-se da Praça da Bandeira até a Av. 15 de Março.

O Com. Custódio José Vieira da Silva nasceu em Itajubá, em 15 de maio de 1842 e faleceu em Lorena, em 21 de junho de 1895. Casou-se, em 5 de agosto de 1867, com Henriqueta Augusta Monteiro, neta do Visconde de Guaratinguetá. Proprietário da Fazenda Estrela do Norte, sempre foi ligado ao Ten. José Mariano por laços de amizade e política. Juntos batalharam para a ereção da primeira capela do povoado, para a elevação do bairro à condição de Freguesia e nossa emancipação política, cujo nome de Vila Vieira de Piquete foi em sua homenagem. Na sessão de instalação da Vila foi o primeiro Presidente da Intendência piquetense. Afastou-se pouco depois por motivos de saúde. Foi dignatário da Ordem da Rosa.

Notas da Cidade

□ A Sociedade São Vicente de Paula de Piquete, em parceria com a Câmara Municipal de Piquete, promoveu, no dia 30-09, uma noite em comemoração ao “Dia Internacional do Idoso”. Além de palestras de profissionais da área social, houve uma apresentação do coral “Maria de Nazareth”, de Lorena. Iniciativas como esta servem de incentivo para que os piquetenses se mobilizem pela criação de políticas de apoio aos idosos.

□ A IMBEL está iniciando na Vila da Estrela, residência dos oficiais, coleta de lixo seletivo. Será, inicialmente, realizada a separação do lixo orgânico do não orgânico. Exemplos como esse devem ser seguidos. Parabéns à diretoria da instituição.

□ A Escola Professor Leopoldo Marcondes de Moura Neto realizará, nos dias 12 e 13 de novembro, a “9ª Feira da Cultura”, sob o tema “A Feira das Feiras”.

A direção da escola convida a comunidade para prestigiar os trabalhos dos alunos e professores.

□ A Prefeitura Municipal de Piquete promoveu, no dia 12 de outubro, uma festa para as crianças, em que houve troca de lixo reciclável por brindes. A ação surtiu excelente efeito entre a população. Segundo a organização, o resultado alcançado superou as expectativas, com a arrecadação de grande quantidade de garrafas plásticas.

□ Aconteceu no Bairro dos Marins, entre os dias 21 e 24 de outubro, a festa da padroeira do bairro, Nossa Senhora Aparecida. Parabéns aos festeiros – Lucas e Irene, Geraldo e Genny, Luiz Raimundo e Maria Rita, José Carlos e Tânia, Cida, Inês e João Bosco –, que não mediram esforços para o brilho do tradicional acontecimento.

□ A Associação de Judô de Piquete convida para a o “Torneio de Judô”, dia 21-11-99, no Elefante Branco. Compareçam e prestigiem o Judô de nossa cidade, que acaba de voltar dos Jogos Abertos, de Araraquara.

Estará sendo sorteado entre os fregueses dos vários patrocinadores do torneio um televisor colorido.

Tudo pelo social. Que pecado!

Com o avanço crescente da crise econômica e financeira, a elite política se debruça sobre polêmicas para combater a pobreza e a miséria em nosso país. O que nos entristece é que temos um país que reúne inúmeras condições para afastar de seu povo o terror da fome e dar a qualquer cidadão um mínimo de dignidade social. Por que, então, nosso povo, há um bom tempo, vem experimentando privações no que se refere a qualidade de vida? Possivelmente, a resposta não está somente nos desacertos das políticas econômicas dos governos que sempre lançam mão de impostos para tapar buracos nos orçamentos públicos.

O relatório do Banco Mundial a ser divulgado ainda este ano faz uma revelação que o brasileiro mais simples e o dirigente mais ilustrado estão cansados de saber: com todas as letras e números afirma que a situação atingiu o ponto que está graças à má utilização dos recursos públicos. O relatório dessa instituição internacional exemplifica a ineficaz utilização dos recursos públicos com números impressionantes: para cada real encaminhado à área social pelo governo, cerca de 70% jamais chegam ao destino. E, infelizmente, isso não dá em nada caso alguém acione uma autoridade legalmente constituída. Isso porque a maior parte do sumiço das verbas sociais tem cobertura legal e são tragadas por grupos de trabalho de qualquer natureza do poder público, que contrata funcionários, conselheiros, salas, obras desnecessárias etc. para dar início aos “trabalhos sociais”. Daí a nossa simples sugestão de eliminar a ostentação das instituições públicas e da sociedade cobrar ações efetivas para o desenvolvimento social. Para tanto, a participação ativa de cada cidadão no sentido de cobrar resultados na área social se faz necessária. Assim, cada um de nós tem o dever de levar ao poder público propostas, sugestões e críticas que possam amenizar o sofrimento de muitos.

Dentro dessa linha de pensamento, recentemente encaminhamos ao Ministro da Saúde relatório de um médico da região da grande São Paulo que, apoiado em estudo realizado pela Universidade Federal de Viçosa, propõe a correção do solo no tocante a deficiência mineral e, assim, aliviar problemas potenciais de saúde.

Em nossa Piquete, só quem tem a coragem de ver de perto a pobreza e o sofrimento dos moradores do antigo Morro do Querosene, atual Alto da Boa Vista, pode avaliar e sentir os efeitos perniciosos do sumiço das verbas sociais. Ao lado disso, a utilização da pobreza desse bairro com fins eleitorais, em que parcela considerável de moradores é, sistematicamente, iludida por falsas promessas.

Frente a essa triste realidade, sugerimos a alguns moradores a construção de uma horta comunitária que seria administrada e organizada pelos próprios moradores.

Se cada um de nós, no seu bairro, na sua vila, desenvolver uma efetiva ação social em que os participantes sintam os benefícios, acreditamos que estaremos dando um grande passo no sentido de reduzir a pobreza e a miséria em nosso país. Para tanto, basta somente ter vocação pública e, acima de tudo, vontade política de não cometer os pecados até agora praticados.

Celso Colombo